

MEDICINA E LITERATURA

Pedro Henrique Saraiva Leão
*Médico. Escritor. Membro da Academia Cearense
de Letras, da Academia Cearense de Medicina e da
Sociedade Brasileira de Médicos Escritores
(SOBRAMES), tendo sido seu presidente nacional*

“● que existe
deve ser tomado a sério.
Porque existe”

Mario de Andrade.

In: “Amar, Verbo Intransitivo. Idílio”.¹

A Medicina, tão antiga como as doenças, sempre se interessou pela Literatura, e com esta frisou bem. A Literatura, por igual e sensu lato é tão antiga quanto aquela, haja vista as manifestações alfabéticas rúnicas, e o folclore das inscrições rupestres, de que nos dão conta a história.

Ao que parece, este flerte remonta aos tempos primevos. No livro Cicerón Médicin, alentado estudo médico-literário do Dr. P. Menière (o mesmo da famosa síndrome homônima!), editado em Paris (1862),² constata-se que o grande tribuno Cícero, plural e polígrafo, escreveu sobre mais de 100 doenças! E fê-lo como se médico também fora!

Perlustrando-se a história da Medicina, aprendemos que estão em Homero – na *Iliáda* e na *Odisséia*³ – os primeiros relatos acerca dos ferimentos, sobretudo neste último poema, onde o autor refere os feitos épicos de Ulisses, ao retornar à Pátria após a tomada de Tróia.

¹ Editora Itatiaia Ltda. Belo Horizonte, 1982.

² MENIÈRE, P. – *Étude médico-littéraire*. Paris. Gerner-Baillière, 1862.

³ HOMÉRO. – *The Illiad. The Odyssey*. Traduzido para o Inglês por Samuel Butler.

Great Books of the Western World. Encyclopaedia Britannica, Inc., 1952. (Em Português: *Iliáda*. Tradução de Haroldo de Campos, 2 vols., 968 pags. Ed. Mandarim, São Paulo, 2002)

Outro grande vate viria a se ocupar da Medicina: William Shakespeare.⁴ Em suas peças teatrais, remirando-nos apenas nas mais conhecidas, são assaz freqüentes as alusões à Cirurgia, como em *Sonho de Uma Noite de Verão*, ato V, cena I; *Macbeth*, ato I, cena II; *Hamlet* ato III, cena IV, e *Romeu e Julieta*, ato III, cena I; *King Lear*, IV, iv, 8 /IV, vii, 15; *Henrique IV*, I, ii. As referências médicas de Shakespeare foram cuidadosamente anotadas pelo pediatra australiano Aubrey Kail, em 1986.^{5**}

Em *O Médico do Interior*, Balzac⁶ deixou-se fascinar por suas próprias idéias acerca da Medicina, e criou Bénassis, cujos conceitos médicos refletiam o conhecimentos científico de então! Do *Dom Quixote*, de Cervantes,⁷ lembra-me bem o Dr. Tirtafuerte, médico de Sancho Pança, e que proibia doces!

E Flaubert descreve o doutor Larriere – personagem marcante em *Madame Bovary*⁸ – como pertencendo à escola cirúrgica de Bichat! Ao que sabemos, nenhuma grande obra literária contém mais freqüentes e mais longas observações sobre a Medicina e médicos, do que *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust,⁹ o qual, tirante o interesse generalizado pela medicina em voga na Paris de seu tempo, era filho de um clínico famoso, e irmão de um renomado cirurgião.

Matéria médica e médicos sempre inspiraram os escritores, que lhes teceram loas, e muita vez jogaram farpas!

A propósito dessas, e segundo o Prof. Salomão Kaiser, do Recife, notável médico-escritor, Esopo, já no século VII a.C., zombava dos médicos! E deles fantasiavam sarcasticamente Platão, Plutarco, Diógenes e Aristófanes.

Ocorrem-me, agora, neste contexto, Descartes, Montaigne-

4 SHAKESPEARE, W. – *The Complete Works*. Ed. Collins. London Glasgow, 1964.

5 KAIL, A.C. – *The medical Mind of Shakespeare*. Wilhams e Wilkins, Sydney, 1986.

** Lê-se ali ter sido Shakespeare sogro de médico (Dr. John Hall), este filho também de médico (Dr. William Hall), “*Medicus pertissimus*”. Seu genro tê-lo-ia repassado várias informações médicas!

6 BALZAC, H. – *A Comédia Humana*. Cia. Editora do Minho, Barcelos, 1978. Livraria Civilização Editora 16 vols.

7 CERVANTES, M.S. – *Dom Quixote de La Mancha*. Trad. Viscondes de Castilho de Azevedo. Desenhos de G. Doré, gravados por H. Pisan. Lello & Irmão Editores, Porto, s/ data. Recentemente foi publicado *Don Quixote de La Mancha*. Edición del IV Centenario. Real Academia Española, 2004. 1249 págs.

8 FLAUBERT, G. – *Oeuvres*. Tomes I et II. Bibliothèque de la Pléiade, Paris

9 PROUST, M. – *A la Recherche du Temps Perdu*. Flammarion, Paris, 1996. Em Português: *Em Busca do Tempo Perdido*. Trad. Fernando Py. 3 vols. Ediouro, R.J., 2002.

ne, Montesquieu, Rabelais, médico por Montpellier (1530) e seu pantagruélico personagem Dr. Rondibili, e – sobremaneira – Molière.¹⁰ O interesse deste último pelos esculápios reflete-se bem em Sganarello, e nos livros *Le Malade Imaginaire*, *L'Amour Médecin*, e *Le Médecin Volant*.

Reconhecemos quão fastidiosas e traiçoeiras são, por vezes, as nominatas, mas corre-me a obrigação de mencionar aqui alguns médicos celebrados como escritores: Axel Munthe,¹¹ do Livro de San Michele, A. J. Cronin (da Cidadela), Connan Doyle, criador do famoso Sherlock Holmes.¹²

Chekhov, o insuperável contista, declarou mesmo que a Medicina era sua legítima esposa, e a Literatura sua amante!

Somerset Maugham, aos 23 anos, formado em Medicina em Heidelberg (Alemanha), e já exercendo a profissão no St. Thomas' Hospital (Londres), consagrou-se como escritor com seu segundo romance *Servidão Humana* (*Of Human Bondage*),¹³ onde conta o drama do médico Philip Carey, quase arruinado pela companheira Mildred.

Na Literatura brasileira, mestre Machado de Assis¹⁴ amiúde ironizou a Medicina, por inadvertência ou recôndita frustração, ele mesmo um epilético. É dele a jocosa prescrição ditada pelo personagem Dr. Semana (pseudônimo que Machado usava nas crônicas): “o melhor remédio para não morrer de febre amarela é... morrer de outra doença!”

Não mais em relação àquela arbovirose, o debique do famoso e genial bruxo do Cosme Velho, contudo, quadraria bem à AIDS, nestes tempos promíscuos e licenciosos! O famoso Braz Cubas, das “Memórias Póstumas”, inventou seu emplastro, medicamento sublime para nepente, e alívio da nossa melancólica humanidade. Como não lembrar o alienista Dr. Simão Bacamarte – do sempre citado conto do mesmo nome – que fundou, em Itaguaí, um manicômio, a Casa Verde? Machado

10. MOLIÈRE. – Obras de Molière. Livraria Lelo & Irmão Editores. Porto, s/ data.

11. MUNTHE, A. – *The Story of San Michele*. Mayflower Books Ltd. St. Albans, U.S.A., 1975.

12. DOYLE, A.C. – *The Complete Novels and Stories*. Bantam books Ed., New York, 1086. 2 vols. (1586 pags.)

13. MAUGHAM, S. – Pan Books Ltd., London, 1975.

14. ASSIS, M. – *Obra Completa*. Ed. Nova Aguilar, 3 vols. Rio de Janeiro, 1979

encenaria ainda outros médicos, como o Dr. Félix, de Ressur-reição; o Dr. Garcia de A Causa Secreta, e o Dr. Mendonça, de Miss Dollar. E o grande Mário de Andrade, aliás, Mário Raul de Almeida Leite Moraes de Andrade, nome caudaloso tam-bém como figura solar do Modernismo em Literatura (1922), escreveu *Namoros com a Medicina* onde aborda “A Terapia Musical” e a “Terapia dos Excretos”.¹⁵

No Brasil, exponenciais médicos escritores foram Fran-cisco de Castro, Laurindo Rabelo, Cipriano Barata, Medeiros e Albuquerque, Aloysio de Castro, filho daquele, Afrânio Couti-nho, Antônio Austregésilo (Rodrigues Lima), Manoel Antônio de Almeida, das Memórias de um Sargento de Milícias (1834), Joaquim Manoel de Macedo (*A Moreninha*) (1844), W. (Alde-mar) Berardinelli, Clementino Fraga, Juscelino Kubistschek, Graça Aranha, Miguel Couto, Guimarães Rosa, Pedro Nava, Hélio Silva, A. da Silva Melo, entre vários outros.

O notável dicionarista Laudelino Freire publicou uma legítima crestomatia de poetas sonetistas brasileiros até 1914.¹⁶ Ali estão os médicos Alcides Freitas, (Antônio de) Castro Lopes, Luís Delfino (dos Santos), Lucindo (Pereira dos Passos) Filho, (Eduardo) Corrêa de Azevedo, (Antônio) Fernandes Figueira, (Antônio) Peregrino, Maciel Monteiro, e José Maria do Amaral.

Joeirando apenas médicos escritores, nosso colega lusi-tano Carlos M. V. Reis, em edição divulgada no VII Congresso Nacional de Medicina daquele país (1987), arrolou 243 nomes representativos nestas duas últimas centúrias. Desses pinçamos Egas Moniz (aliás Antônio Caetano de Abreu Freire) o mesmo que, juntamente com o sueco Oliver Krona criou a arteriogra-fia cerebral, e logrou o Prêmio Nobel de Medicina em 1949; Fernando (Gonçalves) Namora; dois Júlios mais conhecidos dos brasileiros: Dantas, autor da inesquecível *A Ceia dos Car-deais* e Júlio Diniz (née Joaquim Guilherme Gomes Coelho) responsável pelas *Pupilas do Senhor Reitor!* E, naturalmente,

15 ANDRADE, M. – *Namoros com a Medicina*. Livraria Martins Editora S.A., Belo Horizonte, 4ª ed., 1980.

16 FREIRE, L. – *Pequena Edição dos Sonetos Brasileiros*. F. Briguier & Cia Editores. 25, Rua Sachet. Rio-De-Janeiro, 1914. (222 pags.)

Miguel Torga, nascido Adolfo Correia da Rocha.

Para atestar quão íntima é a relação entre Medicina e Literatura, basta que nos lembremos que o Romantismo literário no Brasil, o romantismo antiluso, tropical, foi introduzido pelo médico e poeta, também formado em Montpellier (França), Domingos José Gonçalves de Magalhães, o Visconde de Araguaia, com o livro *Suspiros Poéticos e Saudades*, publicado em 1836!¹⁷

Por que tanta afinidade?

O ensaísta Pedro Paulo Montenegro, professor emérito da Universidade Federal do Ceará, e titular da Academia Cearense de Letras – aliás o mais antigo sodalício deste gênero no Brasil! – lembrou que em 1934, o médico e romancista Afrânio Peixoto, ao receber, na Academia Brasileira de Letras o famoso médico-sanitarista Oswaldo Cruz, sustentou não haver diferença essencial entre ciências e letras, a não ser que umas se fazem com as outras!

Assim, debruçado na leitura constante dos compêndios e periódicos médicos; mercê, quiçá, da situação singular, fronteira, que ocupa entre a vida (com seus ardores, seus amores, suas dores, seus suores), e a morte, com todas as suas frustrações, e, esta, ao fim, a grande vencedora; reconhecendo “o valor místico do sofrimento” – como dizia o médico Dr. Guimarães Rosa;¹⁸ investigando com perspicácia as matrizes da alma humana em seus rincões mais profundos; voltados ao tratamento não apenas das angústias orgânicas, mas também mentais, emocionais, e “metais” ou sociais (estas últimas entendidas como as concebemos, i.e., “Governapatias”); sensibilizado por todo este caleidoscópio vivencial, seduz-se o médico, leitor e redator de prontuários e laudos, pela leitura e redação de poesia de romance, de contos, literatura, enfim.

Este inalienável entrelaçamento, siamês, quase, entre a Medicina e a Arte, foi brilhantemente enfatizado no Brasil, em 2002 e 2003, pelo médico natalense Prof. Armando Bezerra,

17 MAGALHÃES, D.J.G. – *Suspiros Poéticos e Saudades*. Prefácio de Fábio Lucas. 6ª ed. Editora Universitária, Brasília, 1999.

18 ROSA, G. – *Ficção Completa*. Editora Nova Aguilar, R.J., 1994. (2 vols.)

em dois livros fascinantes.¹⁹

Quem sabe esta seria a razão deste pêndulo, a balançar entre a comédia e a vida: a tragédia da morte. Se Constable afirmou que a Arte é uma Ciência, se sabemos que a medicina é um composto de ambas, temos que a Literatura, como forma de arte também o seria! O escritor, poeta, romancista, contista – também cria, também trata, e corta e cura almas com um bisturi sem lâmina, mas com tinta, com ânimo igual, e deixa cicatriz na mente dos leitores!

Curiosamente, o Dr. Seymour Schwartz²⁰ – médico e escritor formidáveis – festejado autor de *Principles of Surgery*, enfatizou que São Lucas é patrono da Medicina e das Artes!

Aliás, a figura de São Lucas já foi deveras exaltada, não apenas como médico, pintor, mas sobretudo como escritor. Como tal, é sabido que sobreexcedeu aos contemporâneos com seu Evangelho e os Atos dos Apóstolos.

Pedro Nava²¹ – misto equilibrado de médico e escritor – afirmou que “Medicina antes de mais nada é conhecimento humano. E este está tanto nos livros de patologia e clínica, como na obra de Proust, Flaubert, Balzac, Rabelais, poetas de hoje, de ontem, nos modernos como nos antigos.”

(Anton Pavlovich) Chekhov, graduado em Medicina em Moscou em 1884, sustentou até que não há melhor treinamento para um escritor, do que gastar alguns anos na profissão médica, e tanto comprova em seus famosos contos e dramas!

O beletrismo é mesmo exaltado no provérbio espanhol: “El médico que solo sabe Medicina ní Medicina sabe”!

Concordamos que “não fazem mal as musas aos doutores”, e acrescentamos, nem os doutores às musas”!

Como se observa, é tamanha, tão fecunda, e tão antiga, a relação entre Medicina e Literatura que, pasmem, desde 1786, médicos brasileiros, àquela época formados em Montpellier – já participavam da “Sociedade Literária”, então fundada no Rio de Janeiro, como demonstra o historiador, filho, neto e

19 BEZERRA, A. – Admirável Mundo Médico. Ed. CRM-DF, Brasília, 2002.

20 SCHWARTZ, S.L. – Surgical Reflections. Images in Painting and Prose. Quality Medical Publishing, Inc. St. Louis, Missouri, 1993.

21 NAVA, P. – O Cirio Perfeito. Memórias 6. Ed. Nova Fronteira, R.J., 1983.

bisneto de médicos, Lycurgo Santos Filho, em sua monumental História Geral da Medicina Brasileira (Ed. Brasiliense Ltda., S.Paulo, 1947).

Modernamente, tal inalienável liame demonstra-se em várias organizações. Assim, funciona há muito a “Societé Internationale des Médecins Écrivains”, na Suíça, havendo uma entidade semelhante na Itália. Há pouco foi criado um grêmio singular, a “UMEAL” – União de Médicos, Escritores e Artistas Lusófonos, presidida – em 1996 – pelo ilustre colega pernambucano Waldênio Porto, anteriormente presidente da “SOBRAMES” – Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, entidade criada há 30 anos (1965) pelo médico paranaense Eurico Branco Ribeiro.

Hoje, são várias as conceituadas revistas médicas a publicar reflexões literárias sobre temas médicos, ou abordagens médicas de temas literários, enfatizando a importância das letras na compreensão clínica das moléstias. Exemplo disto encontramos em Dante no seu Inferno, e nas histórias de Conan Doyle, estas utilíssimas na elaboração racional dos diagnósticos.

As multifárias transformações por que passa Gregor Samsa, personagem de Kafka em A Metamorfose, após acordar como inseto, nos lembram alterações semelhantes produzidas pela enfermidade nos pacientes e em seus familiares, como em Pavilhão dos Cancerosos de Solzhenitsyn.²² Igualmente, A Enfermaria nº Seis, de Chekhov, A Morte de Ivan Ilych, de Tolstoi;²³ A Montanha Mágica de Thomas Mann,²⁴ A Peste de Camus, os quais dissecam, em profundidade, os mundos pessoais, profissionais, e políticos, explicando aspectos não-clínicos da nossa profissão. Recomendamos neste sentido, igualmente, a leitura de Arrowsmith²⁵ do americano Sinclair Lewis, prêmio Nobel de Literatura (1930) e de Preciosidades Escolhidas do

22 TOLSTOI, I. – Obra Completa. Ed. Nova Aguilar, R.J., 1993. (3 vols.)

23 MANN, T. – Der Zauberberg. Fisher Verlag, Berlin, 1952. Em português: A Montanha Mágica. Trad. Herbert Caro. Ed. Nova Fronteira, R.J., 2000

24 LEWIS, S.L. – Signet Classics. New York, N.Y., 1961.

25 SCHWEITZER, A. – Ausgewählte Kostbarkeiten. SKV – Edition, Deutschland, 1981 (ISBN 3877290191)

Dr. Albert Schweitzer.²⁶

Entre as revistas médicas a que aludimos há pouco estão “Annals of Internal Medicine”, “JAMA”, e “American Journal of Medicine”.

O estudo paralelo da Medicina e Literatura, ou das “humanidades médicas”, foi oficialmente introduzido nas escolas médicas norte-americanas em 1972, e sua real necessidade, no sentido precípuo de humanizar o médico moderno, foi ratificada em recente e basilar artigo de Choron & cols, inserido no primeiro desses periódicos citados (1995; 22:599-606). Neste alentado trabalho, estribados em 149 referências bibliográficas, os autores mencionam e referendam o valor pedagógico dos trabalhos de ficção na compreensão na compreensão da vida dos doentes, e na capacitação dos doutores em reconhecer o poder das implicações de seus atos. No Brasil, a partir de 2001, aulas sobre Literatura passaram a ser ministradas em alguns cursos médicos no Sul e no Sudeste (apud “Folha de São Paulo, 24/06/2003).

O Ceará ofereceu ao Brasil um dos mais eloqüentes exemplos de equilíbrio no binômio médico/escritor: o cirurgião Prof. Newton Gonçalves, médico e “scholar” de truz. Seus ensaios, literários e científicos, foram coordenados e publicados por Antônio Martins Filho em 1995.²⁷

O colega Geraldo Bezerra, um dos bastiões inabaláveis da SOBRAMES (CE) logrou perpetrar um fato ímpar na documentação da Literatura Brasileira: o epitome de trabalhos literários dos médicos brasileiros (27). Conseguiu, nesta alentada e vertical pesquisa, resgatar, das enciclopédias – nem sempre de acesso fácil - à memória dos facultativos nacionais que igualmente dedilharam a lira, ou se eternizaram em outras formas de construção literária. Eternizaram-se, em verdade, pois o labor médico dura tão somente sua existência, enquanto a literatura, intemporal, não lhes deixa resvalar para o olvido.

26 GONÇALVES, N. – Prosa Dispersa. Casa José de Alencar/ Programa Editorial. UFC, Fortaleza, 1995.

27 BEZERRA, G. – Presença do Médico na Literatura Brasileira. Edição Comemorativa do XVI Congresso da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES). Fortaleza, 1966.

N.b. – Texto “remasterizado” Publicado anteriormente em 1996, como Prefácio (26), quando o autor era presidente nacional da SOBRAMES.

Admirável trabalho (que tive a subida honra de prefaciar) prestado às letras pátrias. Obra de referência obrigatória e que deveria mesmo ser internetizada, até, para nelas se abeberarem os interessados nestas duas das mais antigas atividades humanas, e tão intrinsecamente irmãs: Medicina e Literatura.